

## FANTASIA, MITO E ATO NA LÓGICA DA CRIAÇÃO DO SUJEITO

*Paulo Alves Parente Júnior*  
*Maria Celina Peixoto Lima*

Freud, no seu ímpeto em construir conceitos operativos, introduziu uma questão singular acerca das bases psíquicas que regem, no para além da historicidade, a constituição do humano e a sobrevivência de um resíduo que o marca. O modelo freudiano, esmerado em explicar a origem da civilização, ancora-se, desde sempre, no saber mitológico. A incidência deste recurso é medida pela formalização do inconsciente, pois sendo ele um testemunho de um saber sem saber que sabe, representa a objeção freudiana ao sujeito que se fundaria no cogito cartesiano; ou seja, que pode dar conta de si enquanto intérprete do mundo e da consciência. O que escaparia a esse homem centrado e imbuído de sua positividade é que, “o pensamento, no nível da existência (mitológico ou não, empírico ou não, estruturalista ou não) é em si mesmo um saber posto em ato” (PEREIRA, 2008, p 62). Logo, refere-se a algo que se perde na origem, instaurando uma falta que convoca o sujeito a assumir seu destino na cultura. Quer dizer, mesmo Freud só conseguindo explicar-se forjando um tecido ficcional, ele não perde de vista que, aquilo para o qual se dirige é o real. Este real se apresentava na sua clínica, na insistência de um sofrimento indizível e irreduzível de seus pacientes.

Freud (1913-1914/1996) anuncia, na referência ao mito do Édipo-Rei, o drama do sujeito em relação ao primado da autoridade paterna e da inviolabilidade da mãe, que o mantém subjetivamente em conflito com a lei e atravessado por desejos incestuosos e parricidas. Aqui, a psicanálise firma um compromisso com a narrativa mitológica e cessa de dizer a verdade senão pela recorrência a um significante do impossível, que contorce o drama do sujeito a partir de uma representação objetivada e que deduz, de uma maneira imaginária, as relações fundamentais que dizem respeito ao modo de ser

humano em uma determinada época (LACAN, 1964/2008). Em razão disso, a psicanálise não está aí para garantir a verdade ao mundo, mas para suportar e fazer subsistir o aspecto de invenção inerente à toda verdade.

A necessidade conceitual do que se chama complexo de Édipo produziu-se na primeira grande crise do pensamento freudiano, decorrente de uma reestruturação na etiologia das neuroses desencadeada desde o momento em que se tornou inevitável o reconhecimento da sexualidade infantil. Ocorre que, a partir do ano de 1896, Freud não consegue explicar como uma lembrança de sedução na infância poderia subsistir na mente das histéricas até o florescimento da puberdade, sem implicar aí o caráter fantasioso dessas conjecturas e sem que estas estejam ligadas a experiências primitivas de satisfação e privação do objeto amoroso na tenra infância. O que remodela a teoria do trauma, mas não a invalida, é em linhas gerais, o consentimento de que algo na cena primária se operava como perda da realidade. Até este momento, a introdução da fantasia na teoria psicanalítica ainda se dava como uma tentativa de ancorar em um primitivismo a etiologia do trauma neurótico (MANNONI, 1994). Pois Freud atentava-se para o caráter traumático de uma cena primária que encenava a satisfação do desejo, fazendo referência principalmente ao coito dos pais. No entanto, Freud (1919/1996), a partir de sua reformulação da fantasia em *Uma criança é espancada*, compreende que a fantasia é algo essencialmente construído em análise, ou seja, a partir de uma aceitação ao convite de contar-se, produzindo o ato da associação livre.

Este trabalho está interessado, particularmente, na investigação acerca de como se suporta, na operação que produz o sujeito, uma lógica da criação que permite a inscrição das dimensões da fantasia, do desdobramento mítico-ficcional e do ato. Ao contrário do que seria uma leitura extensiva de tais conceitos, propõe-se apenas indicar o enodamento no qual se articulam estas operações. Partiremos, então, do que dá

possibilidade de representação do sujeito na linguagem, para o lugar onde o dizer funda um ato e possibilita a emergência do sujeito por uma criação *ex nihilo*.

### **Das condições de representação ao ato criativo.**

Quando uma criança nasce, já existe uma mãe que fala dela e que se espera que não vá parar de falar. O pequeno sujeito, então, não pode esperar muito tempo até estar em pé de igualdade com este Outro e para respondê-lo, ele se antecipa e lhe oferta o ser. Contudo, se do lado da criança há uma falta-a-ser, ela, enquanto capturada nessa relação em que representa o falo para a mãe, só o porta na medida em que é signo de sua ausência. Ao mesmo tempo, este *falasser* indica uma falta no campo semântico do Outro, pois se este não pode lhe dar a definitiva razão de seu ser, é porque falta um sentido no lugar do seu gozo. É nessa fenda intervalar, no encontro de duas faltas (uma falta-a-ser e uma falta de sentido) que se fixa a fantasia, sendo ela, uma elaboração corretiva, ficcional, deste encontro faltoso, que se faz presente tanto o sujeito do significante quanto um complemento libidinal, ou seja, o objeto *a*. (LACAN, 1964/2008)

É com relação ao não-saber do tempo de um código indeterminado que o sujeito tentará responder com a fantasia, pois o pequeno *infans* não poderá esperar muito, algo tem que dar definição ao sexo materno. O desejo de fazer Um com a mãe vai impulsionar a criação de uma ficção que tematiza a ligação do sujeito com o Outro (COSTA, 1998). No lugar da carência de respostas e da perda de gozo, a fantasia recorta a pulsão, tal como o resto que escapa da premência interna frente à demanda do Outro. Supondo esse Outro, que responde pelo real do corpo do sujeito nascente, ele deverá ser barrado a fim de que a sua demanda possa ser imaginarizada e simbolizada pelo bebê. Será com o resto não assimilável dessa demanda que o sujeito depois tentará elaborar

uma versão metafórica que interpreta o desejo do Outro.

No plano da imagem, a fantasia representa uma possibilidade de fixação, um meio de ignorar a fratura, mantendo a crença na possibilidade do sujeito não vir a dizer nada sobre a castração no Outro. Se no espelho, o sujeito acredita apreender o eterno no instante da imagem, não obstante, o que escapa ao seu domínio, o furo na imagem, é o objeto que captura a realidade e lança o sujeito para fora do corpo. Assim, o objeto da fantasia passa a se encontrar sobre as peças escolhidas da realidade, tal como Lacan (1960/1988) aponta no seminário *A ética da psicanálise*, ao dizer que, a tendência do psiquismo não é se adequar à realidade, mas aluciná-la. Nesse caso, a função da realidade não é frear a realização do desejo, mas dar abrigo à fantasia. Como Freud (1911-1996/1996) define a tarefa do princípio de realidade não é a deposição, mas a proteção do princípio do prazer. Por isso, a fantasia é o álibi do desejo (QUINET, 2009).

A imagem alucinatória do corpo materno, à medida que possui um furo, cria o descompasso referente à anterioridade da qual o sujeito é vítima do Outro, com isso se instaura uma tensão constante que convoca a representação antecipada de um si mesmo, a fim de dar conta do atraso em relação ao Outro. No processo de separação, é criando um espaço de recobrimento, onde se dá uma vestimenta ao Outro encapsulado na dimensão do imaginário, que o sujeito constrói um corpo próprio. Freud (1908-1909/1996) situará, nas *Teorias sexuais infantis* e nos *Romances familiares*, a construção ficcional sendo construída como um saber complementar, aquele que tenta tamponar as brechas existentes na relação do sujeito com a sua origem. Na sina trágica do sujeito afetado pelo inconsciente, inclui-se a possibilidade de fazer da angustia diante da ausência de recursos para lidar com o excesso, ou a falta de informações, sobre seu ser, uma invenção. Captar algo que encerra a questão de Hamlet quanto a: ser ou não ser, não é algo que se efetua, sem seus conseqüentes fracassos em calar a voz estranha

que ecoa do fantasma familiar. Não se encontra, portanto, a palavra; o significante do impossível, que responde definitivamente sobre o enigma da fundação do ser.

A história individual e coletiva tomará o lugar de uma versão da experiência com o inefável. Sendo assim, a psicanálise ao convocar ao ato de contar-se, reconhece que produzir uma narrativa histórica já é se lançar dessa dimensão do impossível, onde o real toca e apara o enigma do sujeito. Portanto, na lógica que produz o sujeito na posterioridade pelo ato do desejo, pressupõe-se a existência de um percurso pela tentativa de dar interpretações, de elaborar construções míticas e ficcionais para tematizar a castração como um enredo que envolve a relação com o semelhante.

Contudo, o sujeito não pode contar sua história até o fim; não porque ela é inesgotável, mas porque ela cerrada por arames que são a incidência do real sobre tudo que é tematizado por este sujeito. O mítico, no sentido de uma narrativa exterior ao sujeito, torna-se um recurso especialmente escolhido por este para representar o que não tem em si força de representação. Dessa forma, o que esbarra no real é o osso de uma análise, é a pedra no caminho enquanto ponto que faz obstáculo à narrativa, mas também que só existe desde que alguém se dispôs a caminhar. (MILLER, 1998)

Em o mito individual do neurótico, Lacan (2008) questiona o que é o eu senão algo que o sujeito experimenta primordialmente como fora dele mesmo. Existe um dilaceramento original, uma rachadura, que indica que uma experiência anterior ao sujeito impede sua realização. É aí que a história toma o lugar de uma versão da experiência. Pois se Agamben (2005) situa uma face da experiência, a mais pura, no campo do inefável, no encontro mesmo com a linguagem, é porque, nesse sentido, contar-se produzindo história é se lançar dessa dimensão do que faz limite a uma transmissibilidade. De outro modo, a experiência é comum quando se conta, quando escapa do irrepresentável da morte. Para Agamben (2005) o inconsciente seria fruto de

uma reversão daquilo que constitui uma experiência pura e, uma vez dentro do campo da linguagem, este se desloca de um saber sobre a morte e retorna à infância como lugar de uma verdadeira experiência.

Em Lacan (2008), o mito reconta o impossível da castração, como uma tematização da relação com o semelhante. O ato criativo seria também um destino para a castração, de forma que elabora uma passagem da função do semelhante ao semblante do objeto. Aquele que cria, confronta-se com o vazio. O ato criativo vem como efeito de apaziguamento das forças ocultas que forçam o encontro com o vazio constituinte do sujeito. O criador apresenta diante do semelhante algo que soçobra deste flerte com o furo do significante. Desta operação que lida à distância com a Coisa perdida, resta o efeito do semblante do objeto que possibilita lidar com a perda no real. Ou seja, em face da angústia que paralisaria, a criação produz destinos cambiáveis para o desejo.

O artista encontra na sua obra uma função organizadora. No entanto, esta, como sendo resultado de um investimento pulsional, pode acarretar o sofrimento psíquico, pois põe em cena algo de uma relação primordial com o gozo do sujeito. O que torna possível que o belo surja é necessariamente que o artista se permita, por um período, conviver com a sua loucura, com o que lhe aflige de mais soterrante, para que a sua obra, posteriormente, venha como um triunfo arrebatador lhe devolver o enigma, retornando ao plano da mensagem, das trocas possíveis na linguagem, com sua atuação sendo reconhecida pelo semelhante.

Isto não quer dizer que o artista sempre espere por este reconhecimento do outro, muitas vezes, ele mesmo ao se deparar com sua obra, fruto da aniquilação dos efeitos da Coisa, não mais se reconhece ali. Em psicanálise, desde a reformulação da dualidade pulsional e da segunda tópica, infere-se que Freud reconhece no ato sublimatório uma saída para a tensão mortífera. Há, porém, um risco, a saber, o desvanecimento do Eu

ideal vem por meio do objeto que cai, e o produto desprendido do artista pode levá-lo a ser apreendido nas malhas da pulsão de morte. Por sorte, um dos destinos possíveis para a pulsão garante a possibilidade de investir numa reinvenção do si mesmo. A sublimação bordeja o abismo, para recriar representações. Segundo Gerard Pommier (1992), o ato criativo introduz o nascimento do sujeito a partir de sua desidentificação ao falo, na medida em que a obra o faz revelar.

Podemos pensar a partir do que se expressa no texto da perspectiva criacionista que, o desejo do homem faz surgir uma mulher, mas é esta quem tem o poder de atestar seu falo. Pois, não é Eva, criada da costela de Adão, quem vem ao mundo por causa da solidão deste homem e que se transforma de uma perda irrecuperável em seu corpo, num símbolo de seu desejo, causa de sua perdição? Sem dúvida, o feminino é o exemplo final de uma obra criadora, sua essência revela a êxtimidade própria de um estilo aplicado ao *sinthoma*. Diante disso, o que é tão comum a psicanálise e a arte senão o lugar onde se suporta a alteridade? Não seria por isso que, empreender uma análise ou produzir arte, seja ao seu modo singular, um ato, portanto, de bem-dizer o *sinthoma*? Mutuamente, a psicanálise e a arte se ensinam a amar o *sinthoma* como um dom, sem deixar que o Outro o complete.

## **BIBLIOGRAFIA**

AGAMBEN, Giorgio, **Infância e História**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

COSTA, Ana **A ficção do si mesmo**: interpretação e ato em psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

FREUD, Sigmund. Sobre as teorias sexuais infantis (1908) In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Romances Familiares (1909) In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911) In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. V.12 Rio de Janeiro: Imago, 1996

\_\_\_\_\_. Totem e tabu (1913-1914) In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v.13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ Uma criança é espancada: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919) In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. **O mito individual do neurótico**, ou, A poesia e verdade na neurose. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008

\_\_\_\_\_. **O Seminário**, livro 7: A ética da Psicanálise (1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. **O Seminário**, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MANNONI, Octave. **Freud**: uma biografia ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

MILLER, Jacques-Alain. **O osso de uma análise**. Salvador: EBP-BA/Biblioteca Agente, 1998.

PEREIRA, M. R. **A impostura do mestre**. Belo Horizonte: Argvmentvm. 2008.

POMMIER, Gérard. **A ordem sexual**: perversão, desejo e gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992

QUINET, Antonio. **A estranheza da psicanálise**: a escola de Lacan e seus analistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009

## **SOBRE OS AUTORES**

**Paulo Alves Parente Júnior** – Graduando em Psicologia na Universidade de Fortaleza. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Membro do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social (LEIPCS).

**Maria Celina Peixoto Lima**- Psicanalista. Professora do PPG de Psicologia da Universidade de Fortaleza. Doutora em Psicologia pela Université Paris 13 (França). Coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social (LEIPCS). Membro do Grupo de Trabalho “Psicanálise, Infância e Educação” inscrito na ANPEPP.